

## Elizabeth Eisenstein e o estudo da Comunicação

Edimárcia Ramos de Araújo

**Resumo:** Ao estudar os efeitos do surgimento da imprensa na sociedade letrada europeia, Elizabeth L. Eisenstein não se limitou às explicações históricas tradicionais. Ela buscou expandir seu conhecimento para além da História. Segundo ela, é possível observar o passado levando-se em conta o duplo movimento entre o meio de comunicação e as transformações culturais. Entendendo a importância desse pensamento para o campo de estudos da Comunicação, o artigo detém-se a identificar quem é Elizabeth Eisenstein e como surgiu o interesse em estudar a imprensa como um meio de comunicação. Para isso, reconstruiremos a trajetória dessa pesquisadora no campo da História, seu objeto de pesquisa e suas principais publicações. Essa reconstrução da trajetória traçada pela historiadora no início de sua profissão nos guiará para o entendimento do posterior deslocamento de interesse no objeto de pesquisa. Para que esse deslocamento seja bem entendido, teremos que compreender também em que momento se deu esse interesse em estudar a imprensa e como surgiu a ideia de estudá-la como um meio de comunicação. Ao se propor esse desafio, Eisenstein retoma debates epistemológicos importantes em nossa área. Em outras palavras, o trabalho dessa historiadora leva-nos a reflexão do nosso próprio campo de estudo e de como ele é percebido por outros estudiosos. Esse olhar do outro, ou seja, de um outro ponto de vista, traz avanços para a Comunicação, a partir do momento em que podemos não só avaliar nosso papel como campo científico como também questionar sua apropriação por outros saberes na perspectiva de responder a questões que, por vezes, demanda o concurso de mais áreas.

**Palavras-chave:** Elizabeth Eisenstein, imprensa, meios de comunicação, história.

### Introdução

Nos primeiros parágrafos do texto intitulado “Preocupações do principiante”, Santiago Ramón y Cajal<sup>1</sup> esclarece que a excessiva admiração dos jovens intelectuais pelas obras dos grandes investigadores científicos pode se tornar uma armadilha, a partir do momento em que essa devoção torna-se um obstáculo para o jovem investigador no sentido de fazê-lo pensar que é incapaz de dar continuidade ou completar a pesquisa iniciada por seu venerado. Ou, até mesmo, de incapacitá-lo à realização de uma investigação original. E aí nos perguntamos: como encontrar o equilíbrio entre a veneração e a originalidade? Talvez a resposta esteja na compreensão inferida da seguinte citação:

---

<sup>1</sup> Santiago Ramón Y Cajal (1852-1934), considerado o “pai da neurociência moderna”, foi um médico e histologista espanhol. Foi professor da Universidade de Valência, na Espanha, em 1881, diretor do Museu de Saragoça (1879), diretor do Instituto Nacional de Higiene (1899) e fundador do *Laboratorio de Investigaciones Biológicas* (1922). Também recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1906.

Não é lícito desconhecer que há criações científicas tão completas, luminosas e tão firmes, que parecem o fruto de uma intuição quase divina, tendo surgido perfeitas, como Minerva da cabeça de Júpiter. Mas, a justa admiração causada por obras tais diminuiria muito se imaginássemos o tempo e esforço, a paciência e a perseverança, os ensaios e retificações, até as casualidades, que colaboraram no êxito final, para que contribuíssem quase tanto como o gênio do investigador (RAMÓN Y CAJAL, 1979, p.10).

Isto é, sem nos desfazer da admiração, muitas vezes utilizada como agente impulsionador para o desenvolvimento de uma pesquisa, podemos apoiá-la na conscientização de que outros fatores contribuem para o fruto de um gênio investigador, tais como os que foram citados por Ramón y Cajal: tempo e esforço, paciência e perseverança, ensaios e retificações e até as casualidades.

Falar sobre Elizabeth Lewisohn Eisenstein consiste em um exercício contínuo pela busca do equilíbrio entre a admiração e o reconhecimento desses outros fatores mencionados por Ramón y Cajal. Ou seja, isso significa que não podemos nos perder no encantamento de uma criação científica tão bem elaborada sem nos atermos a outros elementos que a constituem. Porque senão perderíamos a própria originalidade da investigação. Por isso, precisamos empreender um esforço na tentativa de analisar criticamente as peculiaridades da historiadora Elizabeth Eisenstein e de sua pesquisa sem nos enredarmos pela veneração.

Mas afinal, quem é Elizabeth Eisenstein? Qual foi o trabalho desenvolvido por ela? Essas foram perguntas que frequentemente ouvimos quando mencionávamos o nome dessa historiadora para alguém.

Elizabeth L. Eisenstein é a terceira filha do casal Margaret Seligman e Sam Lewisohn. Neta de Adolph Lewisohn e bisneta de Joseph Seligman, grandes magnatas da cidade de Nova York, a pesquisadora nasceu no dia 11 de outubro de 1923, em Nova York, EUA.

Com inúmeras publicações, reconhecimentos e premiações é possível ter uma ideia da admiração que muitos estudiosos têm por Eisenstein. Homenageada por diversas universidades dos Estados Unidos e de outros países, premiada por suas publicações e frequentemente requisitada para ministrar palestras e conferências, Eisenstein ainda contribui ativamente para a produção acadêmica. Essa emblemática figura feminina que destacamos nesse artigo é conhecida, sobretudo, pela obra que publicou em 1979, *The printing press as an agent of change*. Disposto em dois volumes e com 750 páginas, este livro explora os efeitos da imprensa<sup>2</sup> na elite letrada da Europa ocidental do século XV.

Hoje, aos 89 anos de idade, Eisenstein é professora emérita da Universidade de Michigan, EUA. Apesar de ter se aposentado em 1988, ela não deixou de contribuir com a produção acadêmica. Escreveu, entre os anos de 1980 a 2010, vários artigos relacionados à imprensa e, em março de 2010, ministrou uma palestra na Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, tratando do tema *Divine Art/Infernal Machine: Western Views of Printing Surveyed*. Nessa palestra Eisenstein aborda questões que posteriormente foram publicadas no livro

---

<sup>2</sup> Eisenstein utiliza o termo “imprensa” para designar a prensa tipográfica e os materiais impressos produzidos a partir dela.

*Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending.* Trata-se, na verdade, de uma nova discussão sobre a imprensa, na qual são analisados cinco séculos de cultura impressa ao invés de um, como foi analisado no livro lançado em 1979, *The Printing Press as an Agent of Change*. Nessa nova discussão sobre a imprensa, Eisenstein tenta explicar as ambivalências com relação à impressão e os impressores.

Ao estudar os efeitos do surgimento da imprensa na sociedade letrada europeia, Eisenstein não se limitou às explicações históricas tradicionais. Ela buscou expandir seu conhecimento para além da História. Segundo ela, é possível observar o passado levando-se em conta o duplo movimento entre o meio de comunicação e as transformações culturais. Reconhecendo a importância desse pensamento de Eisenstein para o campo de estudos da Comunicação e buscando resgatar os aspectos teóricos e metodológicos utilizados por ela, nos colocamos a seguinte pergunta: como surgiu o interesse de Elizabeth Eisenstein pelo estudo da imprensa como um meio de comunicação?

Acreditamos que o estudo realizado por essa historiadora retoma debates epistemológicos importantes em nossa área. Ao se proporem o desafio de estudar o papel dos meios de comunicação na construção dos acontecimentos, “os historiadores convergem para os problemas comunicacionais e têm apresentado valioso material para o avanço dessa área, ainda que poucos comunicólogos estejam realmente atentos às implicações dessas obras” (MARTINO, 2008, p.29). Em outras palavras, o trabalho de Eisenstein leva-nos a reflexão do nosso próprio campo de estudo e de como ele é percebido por outros estudiosos.

Não se trata de obter resultados que comprovem a contribuição de Eisenstein para o campo comunicacional. Na verdade, a proposta deste artigo é levantar questões e resgatar aspectos teóricos e metodológicos dos estudos de Elizabeth Eisenstein que possam nos ajudar a entender seu interesse pelo estudo da imprensa como um meio de comunicação.

Para chegarmos ao objetivo proposto, reconstruiremos a trajetória dessa pesquisadora no campo da História, seu objeto de pesquisa e suas principais publicações. Essa reconstrução da trajetória traçada pela historiadora no início de sua profissão nos guiará para o entendimento do posterior deslocamento de interesse no objeto de pesquisa. Para que esse deslocamento seja bem entendido, teremos que compreender também em que momento se deu esse interesse em estudar a imprensa e como surgiu a ideia de estudá-la como um meio de comunicação.

### **Eisenstein e o estudo da História**

Eisenstein iniciou seus estudos na *Vassar College* como aluna do curso de Artes Cênicas. Em uma entrevista concedida, em 2010, ao blog *Figure/Ground Communication*<sup>3</sup>, ela revela que trocou a graduação em Artes Cênicas para a História por conta dos excelentes professores

---

<sup>3</sup> Segundo o criador do blog, Laureano Ralon, *Figure/Ground Communication* foi lançado no contexto do centenário Marshall McLuhan como uma tentativa de trazer os ecologistas de mídia, os fenomenólogos, filósofos e críticos da tecnologia em uma conversa com o espírito de estudos interdisciplinares e pragmatismo metodológico. Em uma das seções do blog, ele entrevista a historiadora Elizabeth Eisenstein. Essa entrevista encontra-se disponível em: <http://figureground.ca/interviews/elizabeth-eisenstein/>.

que teve no curso. Após se formar em História, em 1944, Eisenstein prosseguiu seus estudos na área com o curso de mestrado e doutorado na *Radcliffe College*, situada em *Crambridge*, Estados Unidos.

No período em que cursava a pós-graduação, mais precisamente no dia 30 de maio de 1948, a historiadora se casou com o físico Julian Calvert Eisenstein. O casal teve três filhos: Margaret Ellen Eisenstein, nascida no dia 06 de abril de 1951, em Madison, Estados Unidos; John Calvert Eisenstein, nascido no dia 02 de setembro de 1953, em Nova York, EUA; e Edward Lewisohn Eisenstein, nascido no dia 10 de outubro de 1955, em Bellfonte, EUA. Entre os anos de 1956 e 1957, o casal se mudou para Washington D.C, nos Estados Unidos, onde começaram a atuar como docentes.

Elizabeth Eisenstein teve que conciliar a maternidade com a carreira acadêmica. Uma tarefa que, embora pareça complicada, foi devidamente administrada pela historiadora. Em 1947, ela recebeu o título de mestre e, em 1953, o título de doutora em História pela *Radcliffe College*. Sua dissertação foi publicada em 1952, intitulada *The evolution of the Jacobin tradition in France: the survival and revival of the ethos of 1793 under the Bourbon and Orleanist regimes* e sua tese de doutorado, conhecida como *The first professional revolutionist : Filippo Michele Buonarroti – 1761-1837* (O primeiro revolucionário profissional: Filippo Michele Buonarroti<sup>4</sup> – 1761-1837), foi publicada em 1959. Segundo o site da Universidade de Harvard, esta obra, transformada em livro, fornece uma análise detalhada da pesquisa sobre o italiano Buonarroti, trazendo uma grande variedade dos diferentes aspectos da história moderna da Europa. O título da obra remete ao foco de investigação do trabalho, que é o estudo das origens de uma profissão que se desenvolveu durante o século XIX. Este livro também abrange o estudo do início do século XIX, da relação entre a Revolução Francesa e os movimentos radicais do século XIX, da historiografia da Revolução Francesa e do desenvolvimento da ideologia da esquerda totalitária.

Depois de concluído o doutorado, Eisenstein buscou emprego em duas universidades dos Estados Unidos, a Universidade de Wisconsin e a Penn State. Ela foi recusada nas duas. Foi-lhe dito que as regras de nepotismo impediam sua contratação, isso aconteceu porque seu marido, Julian Eisenstein, já pertencia ao corpo de docentes dessas instituições. A historiadora enfrentou dificuldades nos anos de 1950 porque as universidades não empregavam muitas mulheres, mesmo elas sendo suficientemente qualificadas para o cargo.

Em 1959, Eisenstein finalmente conseguiu emprego como professora adjunta na Universidade Americana, em Washington D.C, EUA. Ela trabalhava meio período dando aula de Civilização Ocidental para 120 alunos. Algum tempo depois lhe foi ofertada uma colocação melhor no curso, mas a historiadora sentiu-se sobrecarregada com as atividades

---

<sup>4</sup> De acordo com o site *The free dictionary*, o italiano Filippo Michele Buonarroti (1761-1837) era um ativista do movimento revolucionário na França e Itália no final do século 18 e início do 19. Ele era um defensor das concepções de Jean-Jacques Rousseau e divulgador das ideias de Gracchus Babeuf, um revolucionário francês. Entre outras coisas, Buonarroti lutou contra a separação da ilha de Córsega, da França, durante a Revolução Francesa. Em 1793, a Convenção concedeu a ele a cidadania francesa pelos seus feitos revolucionários.

do departamento e com a responsabilidade de criar três filhos pequenos. Eisenstein lecionou como professora de história na Universidade Americana por quinze anos, de 1959 a 1974.

Eisenstein revela que a dificuldade enfrentada por ela como uma estudiosa mulher, nos anos de 1950 a 1960, resultou em uma atitude cética em relação a pontos de vistas tradicionalmente aceitos pela maioria dos estudiosos. Isso se refletiu nos seus subsequentes trabalhos, como, por exemplo, nos artigos *Who Intervened in 1788? A Commentary on The Coming of the French Revolution* (1965); e *Class in the French Revolution: A Discussion* (1967), onde ela desafia a interpretação historicamente aceita das origens da Revolução Francesa. Na entrevista conferida ao livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, publicado em 2007, a historiadora relata que:

Esta tendência foi evidente em meu trabalho anterior no campo de estudos franceses, onde eu desafiei a interpretação aceita (quase marxista) das origens da Revolução Francesa. Ela também se manifestou no livro *A imprensa como um agente de mudança*, como foi observado, com desaprovação, por vários revisores. A discordância que eu expressei em relação a alguns pontos de vista estabelecidos em grandes obras por ilustres estudiosos foi tomada como um sinal de excesso de alcance (BARON, LINDQUIST, SHEVLIN, 2007, p.410)<sup>5</sup>.

Por durante muitos anos, por volta de 1940 a 1967, o objeto de estudo de Eisenstein no campo da História era a Revolução Francesa e a história francesa do início do século XIX.

Eisenstein não se limitou às inquietações do seu campo de estudo, a História. Com seu espírito cético, ela incitou, dentro e para além do seu campo, questionamentos que pudessem responder as lacunas existentes no estudo da história, principalmente no estudo da história moderna da Europa. Vejamos agora em que momento se deu o interesse de Eisenstein pelo estudo da imprensa e como surgiu a ideia de estudá-la como um meio de comunicação.

### **Eisenstein e o estudo da Comunicação**

Ao ler, em 1960, o breve discurso presidencial de Carl Bridenbaugh à Associação Histórica Americana, intitulada “A grande revolução”, Eisenstein deteve-se nas argumentações alarmantes de Bridenbaugh em relação a uma “tecnologia desenfreada” que estava cortando todos os elos com o passado. Segundo ele, os estudiosos contemporâneos estariam vivendo uma espécie de amnésia coletiva. Essas colocações levaram Eisenstein (1998, p.07) a refletir sobre “a falta de capacidade de Bridenbaugh em colocar os alarmes presentes dentro de algum tipo de perspectiva – capacidade essa que o estudo da história, acima de qualquer outra disciplina, deveria poder dar”. Considerou também que os historiadores, de um modo geral, não sabiam lidar nem diagnosticar corretamente as

---

<sup>5</sup> No original: “This tendency was evident in my earlier work in the field of French studies, where I challenged the accepted (quasi-Marxist) interpretation of the origins of the French Revolution. It also was manifested in *The printing press as an agent of change (PPAC)*, as was noted, with disapproval, by several reviewers. That I expressed disagreement with some views set forth in major works by distinguished scholars was taken as a sign of overreaching”.

consequências de uma “tecnologia desenfreada”. Segundo ela, eles sabiam que as inovações tecnológicas desencadeavam sintomas na história da humanidade, mas não se preocupavam ou lhes faltavam a capacidade de enquadrá-las dentro de algum tipo de perspectiva.

Enquanto remoía essas questões, Eisenstein deparou-se com o título do livro “A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico”, de Marshall McLuhan, revelado por meio da leitura do texto *Between two galaxies* (Entre duas galáxias), em 1963, de Frank Kermode. A historiadora relata que:

Num vivo contraste com a queixa do historiador americano, o professor canadense de língua inglesa parecia sentir um prazer malicioso na perda das perspectivas históricas familiares. Ele sentenciou que as formas históricas de investigação estavam obsoletas, e que a era de Gutenberg estava no fim. Mais uma vez, senti que sintomas de crise cultural estavam sendo apresentados como se fossem um diagnóstico (EISENSTEIN, 1998, p.08).

As colocações de McLuhan tornaram-se um estimulante adicional para a curiosidade já despertada por Eisenstein sobre as consequências históricas específicas da grande mudança ocorrida no campo das comunicações do século XV. Por outro lado, ela inquietou-se com a sentença dada pelo canadense de que as formas históricas de investigação estavam obsoletas e que a era de Gutenberg estava no fim.

Em um trecho da entrevista concedida ao blog *Figure/Ground Communication*, em 2010, Eisenstein revela que é ambivalente em relação a McLuhan. Ela diz que se sente em dívida com ele por tê-la apresentado uma dimensão da mudança histórica que ela ainda não havia considerado e que nenhum de seus professores da *Vassar College* ou Harvard tinha trazido a sua atenção. Ao mesmo tempo, ela se sente consternada com o manuseio descuidado de McLuhan com o material histórico. Segundo Eisenstein (1998, p.302), “o manuseio pouco cuidadoso do autor com os dados históricos pode levar a equívocos o leitor não informado”.

E o interessante é que justamente uma das principais críticas feitas a McLuhan é precisamente com relação à fragilidade histórica dos seus exemplos. Isto é dito, muitas vezes, para invalidar a obra dele. Eisenstein, ao contrário de outros estudiosos, não a invalida. Ela focou no núcleo duro do trabalho de McLuhan para avançar. Eisenstein, de alguma maneira, aprimora seu trabalho qualificando os exemplos, dentre outros aspectos.

Impulsionada por essas questões, Eisenstein, em 1964, resolveu empreender-se nos estudos sobre a imprensa, procurando primeiro familiarizar-se com a literatura especializada sobre os primórdios dessa invenção e com a história do livro. “Obter esse conhecimento implicou a leitura de muitas monografias e estudos especiais, enquanto participava de seminários e conferências nas bibliotecas de livros raros e sociedades afiliadas” (BARON, LINDQUIST, SHEVLIN, 2007, p.411)<sup>6</sup>. Eisenstein conta ainda que buscou orientação bibliográfica com historiadores renascentistas, codicologistas<sup>7</sup> medievais, especialistas em ciências e autores

<sup>6</sup> No original: “*Gaining this knowledge entailed reading many monographs and special studies while attending seminars and conferences at rare-book libraries and affiliated societies*”.

<sup>7</sup> A palavra codicologista designa o especialista no estudo dos documentos manuscritos ou impressos.

de estudo sobre os primeiros impressores, nomeadamente Robert M. Kingdon e Natalie Z. Davis.

Esse mapeamento inicial sobre a história da imprensa e do livro resultou em alguns artigos. *Clio and Chronos: an Essay on the Making and Breaking of History-Book Time*, de 1966, é um exemplo disso. Logo na primeira nota de rodapé, Eisenstein esclarece que o tema desse artigo foi inspirado em um dos assuntos tratados por Marshall McLuhan no livro “A galáxia de Gutenberg”, de 1962. Diz ainda que a leitura deste livro despertou sua atenção em relação à “importância de considerar os meios de comunicação disponíveis, quando se pensa sobre a historiografia e à necessidade de analisar melhor as consequências históricas da utilização de tipos móveis” (EISENSTEIN, 1966, p.36)<sup>8</sup>. A historiadora considera que o aumento sem precedentes nas inovações cognitivas e tecnológicas tem alterado drasticamente o ambiente físico e intelectual do homem ocidental.

O primeiro artigo em que Eisenstein divulgou suas opiniões sobre o impacto da imprensa foi publicado em 1968, intitulado *Some conjectures about the impact of printing on western society and thought: a preliminary report* (Algumas conjecturas sobre o impacto da imprensa na sociedade e no pensamento ocidental: um relatório preliminar). Esse artigo foi fruto de uma conversa, por carta, que teve com o sociólogo Robert K. Merton<sup>9</sup>. Eisenstein escreveu uma carta a Merton dizendo que o título do livro dele, *On the shoulders of giants*<sup>10</sup> (Nos ombros de gigantes), publicado em 1965, poderia ser interpretado de maneiras diferentes por aqueles que viveram antes do advento da imprensa e por aqueles que viveram depois desse advento. Merton respondeu prontamente a Eisenstein dizendo que não havia pensado por esse ângulo. E, então, pediu que ela publicasse um relato completo expondo seus pontos de vista. Encorajada pelo conselho do sociólogo, Eisenstein escreveu um longo artigo, nomeado *Some conjectures about the impact of printing on western society and thought: a preliminary report*, publicado em 1968, pelo *Journal of Modern History*.

Eisenstein (1998, p.09) explica que esses artigos preliminares, publicados entre 1968 e 1971, serviram para “suscitar reações de estudiosos e colher benefícios de uma crítica informada”. Em um desses trabalhos iniciais, *The Advent of Printing in Current Historical Literature: Notes and Comments on an Elusive Transformation* (1970), ela analisa a então disponibilidade de trabalhos acadêmicos sobre o assunto dos efeitos de impressão nas grandes áreas de história e história social, argumentando que isso foi particularmente importante para o conhecimento histórico porque a maioria dos trabalhos publicados nessa área lançava mão de um único aspecto da cultura impressa: as sociedades que legaram esses registros escritos. Ou seja, para a maioria dos historiadores, mais importante do que estudar as particularidades dos registros escritos que a imprensa proporcionou, é estudar as sociedades que legaram esses registros.

<sup>8</sup> No original: “The importance of considering available means of communication when thinking about historiography and the need to examine further the historical consequences of the utilization of movable type were both brought to my attention by this book”.

<sup>9</sup> Robert King Merton (1910-2003) foi um sociólogo americano. Foi professor na Universidade Columbia, Estados Unidos, durante muitos anos. Também foi considerado um teórico da comunicação de massa.

<sup>10</sup> O título do livro de Merton é, na verdade, o aforismo formulado por Isaac Newton: “Se me foi possível enxergar mais longe, foi por estar nos ombros de gigantes”. Engajado em desenvolver esse aforismo, Merton dedicou mais de vinte anos de sua vida neste estudo, publicando o livro em 1965.

Na entrevista publicada no livro *Agent of Change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein*, em 2007, a historiadora comenta que no início de suas publicações sobre a história da imprensa e do livro quase não houve comentários nem críticas por parte de outros estudiosos, com exceção de Theodore Rabb<sup>11</sup>, que questionou a abordagem utilizada por ela em relação ao problema da Renascença, desenvolvido no artigo *The advent of printing and the problem of the Renaissance*, de 1969.

De acordo com Eisenstein, o cenário de críticas mudou completamente após o lançamento do livro *The Printing Press as an Agent of Change* (A imprensa como um agente de mudança), em 1979. Disposta em dois volumes e com 750 páginas, esta foi, sem dúvida, a obra mais conhecida e discutida de Elizabeth Eisenstein. A historiadora conta que ficou surpresa com o número elevado de revistas que publicaram opiniões sobre o livro e com a variedade de especialistas que representaram essas publicações, entre eles, antropólogos, bibliotecários, comunicólogos, entre outros.

Interessada pelo estudo das “consequências da mudança nas comunicações no século XV” (EISENSTEIN, 1998, p.09), Eisenstein elaborou uma pesquisa na qual se dedicou durante quinze anos. Ela traçou um percurso de estudo que começa com a transição da era manuscrita para a impressa, passa pelas principais características dessa cultura e termina com a discussão do impacto dessa invenção nos movimentos culturais e intelectuais da Renascença, da Reforma Protestante e da Ciência Moderna.

Eisenstein (2007) diz que em suas viagens aos mais diversos países, como conferencista convidada, ela pôde perceber a repercussão que o livro *The Printing Press as an Agent of Change* teve. Segundo ela, foi durante essas conferências que ela conheceu alguns colaboradores, como, por exemplo, Jean-Dominique Mellot e Tony Ballantyne, que contribuíram com a publicação de suas obras em outras línguas. Na verdade, o livro *The Printing Press as an Agent of Change* foi traduzido para o italiano e a versão abreviada dele, *The Printing Revolution in Early Modern Europe* foi traduzido para diversas línguas, tais como: francês, grego, japonês, português, polonês, entre outras.

Eisenstein (2007) também conta que durante o tempo que passou em Paris, entre o final da década de 1960 e início de 1970, como beneficiária do programa de intercâmbio do departamento da faculdade de História da Universidade de Michigan, EUA, e como membro da Sociedade de Estudos Históricos franceses ela fez amizade com muitos estudiosos franceses. Nessa época inclusive, mais precisamente em 1971, um de seus artigos preliminares sobre o estudo da imprensa, *L'avènement de l'imprimerie et la Réforme: Une nouvelle approche au problème du démembrement de la chrétienté occidentale* foi publicado na revista *Annales*. Esse artigo suscitou a curiosidade de muitos historiadores, inclusive a de Roger Chartier, que publicou o artigo, *L'ancien régime typographique: Réflexiones sur quelques travaux récents*, em 1981, em que discute as ideias propostas por Eisenstein.

---

<sup>11</sup> Segundo o site da Universidade de Princeton, EUA, Theodore Rabb é um historiador especializado no estudo da Europa Moderna. Desde 1970, ele é editor do *The Journal of Interdisciplinary History* e, atualmente, é professor emérito da Universidade de Princeton. O site encontra-se disponível em: [http://www.princeton.edu/history/people/display\\_person.xml?netid=tkrabb](http://www.princeton.edu/history/people/display_person.xml?netid=tkrabb).

Esse tempo que Eisenstein passou em Paris foi muito produtivo e enriquecedor para o seu trabalho. Além de ter sido professora visitante da *École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales*, ela conheceu Bruno Latour<sup>12</sup>, que foi o maior responsável por conseguir traduzir o livro *The Printing Revolution in Early Modern Europe* para o francês. Eisenstein (2007, p.413) diz: “meu tratamento das comunicações científicas chamou a atenção de Bruno Latour, cuja as controversas considerações do que ele chama de *immutable immobile*, originaram-se a partir da leitura do meu trabalho”<sup>13</sup>.

Quando voltou da França, Eisenstein foi chamada para trabalhar na Universidade de Michigan, localizada na cidade de Ann Arbor, EUA. Naquela época, o marido dela presidia o departamento de Física da *G.W. University*, em Washington D.C. A historiadora então se viu diante de um desafio. Ela não sabia como poderia tirar partido da oferta de Michigan sem abandonar sua família em Washington D.C. Eisenstein então tomou a decisão de elaborar uma rotina de deslocamento entre Washington e Ann Arbor, uma distância equivalente a 842 km, que seguiu de 1975, ano em que começou a lecionar na Universidade de Michigan, até 1988, ano em que se aposentou pela mesma universidade.

A historiadora também foi professora visitante do Wolfson College, faculdade constituinte da Universidade de Oxford, na Inglaterra e membro do Centro para Estudos Avançados na *Behavioral Sciences* (Palo Alto), entre 1981 e 1991. Eisenstein (2007) conta que todas essas experiências profissionais, nas diferentes instituições em que trabalhou, foram valiosas para o aprimoramento de sua pesquisa sobre a imprensa.

Eisenstein recebeu vários prêmios e reconhecimentos. Em 1993, a *National Coalition of Independent Scholars*<sup>14</sup> (NCIS) criou o Prêmio Eisenstein (*Eisenstein Prize*), que é concedido a cada dois anos para os membros da organização que tenham produzido um trabalho com um foco independente. Este prêmio foi criado para homenagear Elizabeth Eisenstein, em reconhecimento ao apoio dado por ela para a NCIS. Em 2002, a historiadora recebeu o Prêmio da Associação Americana de História para Distinção Escolar e, em 2004, a Universidade de Michigan atribuiu-lhe o grau honorário de Doutora em Humanidades. O interesse de Eisenstein pelas questões referentes ao advento da imprensa reforça sua ligação com o estudo dos meios de comunicação e intensifica a ideia de que “o meio media as relações entre os homens e entre o homem e o meio-ambiente sem ser percebido, mas transformando toda a predisposição original de se comunicar e perceber o mundo” (MCLUHAN, 1964).

---

<sup>12</sup> De acordo com o site **Bruno Latour** (grifo nosso), Latour (1947-) é um filósofo e antropólogo francês. Durante os anos de 1982 a 2006, ele foi professor na *École nationale supérieure des mines* de Paris e também foi professor visitante da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos. Atualmente, é professor da *Sciences Po* em Paris, França. O site encontra-se disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/biography>.

<sup>13</sup> No original: “my treatment of scientific communications caught the attention of Bruno Latour, whose controversial account of what he calls ‘immutable immobiles’ originated from his reading of my work”.

<sup>14</sup> A *National Coalition of Independent Scholars* (NCIS), localizada na cidade de Jonesboro, Arkansas, Estados Unidos, foi formada em janeiro de 1989 para facilitar o trabalho de estudiosos independentes, que conduzem a pesquisa acadêmica fora das universidades e da Academia tradicional.

## Considerações finais

Na primeira citação da introdução deste artigo, Ramón y Cajal (1979) diz que nossa admiração por algumas criações científicas diminuiria se soubéssemos de todos os esforços, erros e tentativas empreendidos nessas criações. Em nosso caso, percebemos que a admiração pelo trabalho desenvolvido por Eisenstein foi acentuada pelas descobertas que fizemos de sua personalidade ousada, de sua perseverança e até mesmo de seus erros e tentativas.

A obra de Eisenstein também nos mostrou como a relação entre duas áreas do conhecimento pode ser bem construída, sem que uma área se sobreponha a outra. Ela sugere que seus colegas historiadores abram espaço para o duplo movimento que o meio de comunicação e as transformações culturais podem gerar, sem precisar abandonar os elementos da História. Isso significa dizer que o estudo realizado por Eisenstein sai da zona de conforto das pesquisas de história da comunicação, em que o meio é analisado pelo uso social ou pelas características técnicas enquanto suporte tecnológico, para então buscar entender o papel do meio de comunicação na construção da história.

Este artigo leva-nos a pensar e a colocar em discussão o pouco destaque dado ao trabalho de Eisenstein no centro dos debates sobre história da comunicação ou, até mesmo, sobre teorias da comunicação, aqui no Brasil. O estudo desenvolvido por ela é mais discutido entre os historiadores do que entre os comunicólogos. Uma perda, sem dúvidas, significativa para o debate epistemológico da comunicação. Uma discussão que poderia se estender nos aportes metodológicos utilizados por ela para construir essa relação entre História e Comunicação. Ou até mesmo no aporte teórico, que contém excelentes referências bibliográficas para o campo da Comunicação, de uma maneira geral, e para o estudo dos meios de comunicação, em particular. Sabemos que esse artigo é apenas um passo para o reconhecimento dessa historiadora e que muitas considerações ainda serão feitas sobre ela. E, se assim for, ficaremos satisfeitos.

## Referências

BARON, Sabrina Alcorn et al. **Agent of change: print culture studies after Elizabeth L. Eisenstein**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2007.

EISENSTEIN, Elizabeth L.. **A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

EISENSTEIN, Elizabeth L.. **Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending**. University of Pennsylvania Press. 2011.

\_\_\_\_\_. **The printing press as an agent of change**. Cambridge University Press, 1979.

HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula G.. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

RAMÓN Y CAJAL, Santiago. **Preocupações do principiante**. In: Regras e conselhos sobre a investigação científica. São Paulo: USP, 1979, p.9-23.

#### Sites

AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION. **2002 Book Awards and Prizes**. Disponível em: <<http://www.historians.org/annual/2003/2002prizes.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

BRUNO LATOUR. **Biography**. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/biography>>. Acesso em 08 jan. 2013.

COUNCIL OF INDEPENDENT COLLEGES. **Main Building, Vassar College**. Disponível em: <<http://puka.cs.waikato.ac.nz/cgi-bin/cic/library?a=d&d=p1822.1>>. Acesso em 08 jan. 2013.

DRAZNIN, Yaffa. **National Coalition of Independent Scholars to award Eisenstein article prize**. Disponível em: <<http://www.hnet.org/announce/show.cgi?ID=128858>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

GEORGETOWN UNIVERSITY. **Department of History**. Disponível em: <<http://events.georgetown.edu/events/index.cfm?Action=View&CalendarID=49&EventID=85093>> Acesso em: 08 fev. 2012.

HARVARD UNIVERSITY. **Archivegrid Julian Calvert**. Disponível em: <<http://beta.worldcat.org/archivegrid/record.php?id=77067316>>. Acesso em 08 jan. 2013.

HARVARD UNIVERSITY PRESS. **The first professional revolutionist: Filippo Michele Buonarroti – 1761-1837**. Disponível em: <<http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?recid=30185>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

PRINCETON UNIVERSITY. **Department of History**. Disponível em: <[http://www.princeton.edu/history/people/display\\_person.xml?netid=tkrabb](http://www.princeton.edu/history/people/display_person.xml?netid=tkrabb)>. Acesso em 08 jan. 2013.

RALON, Laureano. **Interview with Elizabeth Eisenstein**. Disponível em: <<http://figureground.ca/interviews/elizabeth-eisenstein/>>. Acesso em: 22 set. 2011.

UNIVERSITY OF MICHIGAN. **Department of History**. Disponível em: <<http://www.lsa.umich.edu/history>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **Divine art, infernal machine: the reception of printing in the West from first impressions to the sense of an ending**. Disponível em: <<http://www.upenn.edu/pennpress/book/14786.html>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

UNIVERSITY OF WISCONSIN-MADISON. **Department of History**. Disponível em: <<http://history.wisc.edu/home/kingdon.htm>> Acesso em 08 jan. 2013.

VASSAR COLLEGE. **A documentary chronicle of Vassar College**. Disponível em: <<http://chronology.vassar.edu/records/1973/1973-04-11-eisenstein-lecture.html>>. Acesso em: 25 nov. 2012

WIKIPEDIA. **Elizabeth Eisenstein**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Elizabeth\\_Eisenstein](http://en.wikipedia.org/wiki/Elizabeth_Eisenstein)>. Acesso em: 03 jul. 2011.

WILLIAMS, Cherry. **Analytical intellectual biography of Elizabeth L. Eisenstein**. Disponível em: <[http://pages.gseis.ucla.edu/faculty/maack/Documents/Chronological\\_20Biobibliography\\_20of\\_20Elizabeth\\_20Eisenstein.pdf](http://pages.gseis.ucla.edu/faculty/maack/Documents/Chronological_20Biobibliography_20of_20Elizabeth_20Eisenstein.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2011.

WORDCAT IDENTITIES. **Eisenstein, Julian Calvert 1921-**. Disponível em: <<http://orlabs.oclc.org/identities/lccn-n90-652885>>. Acesso em 14 jan. 2013.